

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina*

Fatima Sadiqi**

Resumo

Estereótipos sobre as mulheres no Marrocos podem ser caracterizados como crenças culturais incompletas e inexatas mantidas por algumas pessoas e que se encontram inscritos em expressões lingüísticas ou em discursos subliminares. A cultura popular marroquina emprega representações poderosas para transmitir e sustentar tais estereótipos. Embora existam alguns estereótipos positivos, a maioria dos estereótipos sobre as mulheres no Marrocos é negativa e reflete ditames patriarcais subliminares que estruturam as relações de gênero nas culturas marroquinas. As mulheres marroquinas, no entanto, não são receptoras e transmissoras passivas, mas usam estratégias para lutar contra esses estereótipos.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres, Estereótipos, Cultura Marroquina.

* Recebido para publicação em dezembro de 2007, aceito em abril de 2008 [Tradução: Silvana Ruffier Scarinci]. Gostaria de agradecer ao professor Fouzia Rhissassi e à audiência da conferência internacional sobre “Estereótipos” organizada em Kenitra nos dias 16 e 17 de dezembro de 2005, pelas interessantes sugestões e comentários.

** Universidade de Fes. <http://iea.um5s.ac.ma>

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

Stereotypes and Women in Moroccan Culture

Abstract

Stereotypes about women in Morocco may be characterized as incomplete and inaccurate cultural beliefs that some people hold about them and that are encoded in linguistic expressions as well as in underlying discourses. Popular Moroccan culture employs powerful representations to transmit and sustain these stereotypes. Although there are some positive stereotypes, most stereotypes about women in Morocco are negative and reflect the underlying patriarchal dictates that structure gender relations in Moroccan cultures. Moroccan women are not, however, passive recipients and carriers of stereotypes; they use strategies to fight back.

Key Words: Gender, Women, Stereotypes, Moroccan Culture.

0. Introdução

O termo “estereótipo” referia-se inicialmente a um molde de impressão que era usado para reproduzir múltiplas cópias de um único modelo. Walter Lippmann (1922) foi o primeiro estudioso a adotar o termo e usá-lo como meio de descrever a maneira como a sociedade passa a categorizar pessoas ou “imprimi-las” com uma série específica de características. Lippmann (Ib. id.) identifica quatro aspectos principais de estereótipos: simplificação, aquisições secundárias, falsidade, e resistência à mudança. Desse modo, estereótipos são mais simples que a realidade (seguidamente passíveis de serem resumidos em apenas duas ou três sentenças), assimilados de mediadores culturais ao invés de experiências diretas, falsos por natureza (uma vez que estes estereótipos tentam afirmar que cada indivíduo de um determinado grupo compartilha um conjunto de qualidades com os membros deste mesmo grupo), e persistentes (mesmo depois de séculos de história escrita, os velhos estereótipos relacionados a gênero e classe encontram-se ainda teimosamente presentes nos países mais desenvolvidos).

No Marrocos, estereótipos são significativos, porque a cultura marroquina regula a vida de homens e mulheres de forma bastante estrita e, portanto, cria uma forte postura cultural que se traduz em modelos sociolinguísticos de pensamento e comportamento. Estereótipos no Marrocos são expressões diretas de crenças e valores. Este artigo está estruturado em três sessões principais: A sessão 1 trata dos principais componentes que constituem a cultura marroquina, a sessão 2 dos estereótipos e relações de gênero, e a sessão 3 das reações das mulheres aos estereótipos negativos.

1. Os componentes principais da cultura marroquina

Cultura pode ser definida de maneira ampla como um sistema de práticas, rituais, crenças e formas de significação de uma comunidade. Todas as culturas controlam seus membros, mas elas diferem nos graus de controle que impõem aos comportamentos individuais e sociais de seus membros, assim como aos parâmetros nos quais esses membros conduzem seus destinos dentro do ambiente geral. A cultura marroquina é do tipo que controla fortemente o comportamento dos homens e das mulheres. A força desse controle vem do fato de que ela é canalizada através de instituições sociais poderosas, oito das quais possuem impacto direto na percepção de gênero e determinação de papéis: (i) história, (ii) geografia, (iii) Islã, (iv) oralidade, (v) realidade multilíngüe, (vi) organização social, (vii) *status* econômico, e (viii) sistema político (Sadiqi, 2003).

1.1. História

Apesar da história nacional do Marrocos encontrar-se em processo de criação e ainda ser um produto tanto da tradição oral quanto da história escrita, ela é considerada pelo Estado e pelo sistema educacional marroquino como parte do *al-'ilm* (conhecimento/ciência escrita). A história nacional marroquina tem sido escrita oficialmente por homens e, portanto, as imagens das mulheres são representadas a partir de pontos de vista tipicamente masculinos. Nessas visões, os papéis das mulheres como indivíduos são ignorados ou tornados secundários em relação aos homens e, desse modo, a subordinação das mulheres tem sido construída e transmitida por anos a fio. De fato, a visão masculina nos registros históricos justifica a subordinação das mulheres em sociedades pós-coloniais (cf. Kandiyoti, 1991; Cooke, 1994; Badran, 1995). Dada a quase total ausência de interpretações femininas dos eventos da história escrita do Marrocos, uma dicotomia rígida de gênero tem sido adotada através dos séculos e foi herdada pelas gerações relativamente recentes da atualidade.

Esse legado histórico aprofundou o abismo entre os sexos e seu impacto tem se acentuado pelo *status* da história escrita como uma instituição “venerada” no contexto sócio-cultural marroquino. A íntima associação entre a história nacional do Marrocos e as línguas escritas² a distancia ainda mais das mulheres, cuja assustadora maioria é ainda analfabeta e, portanto, ignorante da história escrita do Marrocos.

1.2. Geografia

A posição geográfica do Marrocos é importante na compreensão da cultura “pluralística” do Marrocos (Khatibi, 1983). O Marrocos é o país mais ocidental do norte da África; está situado no cruzamento entre África e Europa, um fato que provê a ele tanto características africanas quanto européias. Apesar de o Marrocos ter sido sempre considerado parte do Oriente pelos ocidentais, é o mais acessível ao Ocidente; é a primeira parada para muitos viajantes da Europa ocidental que consideram o Marrocos como o país protótipo africano, árabe e muçulmano. A posição geográfica do Marrocos explica três fatos relacionados a gênero: tolerância religiosa, heterogeneidade cultural e complexidade lingüística. Comparado com muitos outros países árabes no Oriente Médio ou mesmo na África do Norte, o Marrocos é mais aberto a trocas culturais, incluindo uma percepção européia dominante de papéis de gênero. A permeabilidade das fronteiras geográficas do Marrocos e sua população diversificada permitiram uma visão flexível dos papéis de gênero e uma atitude mais favorável em relação às mudanças nestes papéis. Isso está ligado ao uso tolerante das línguas européias. Essa flexibilidade contrabalança as visões patriarcais rígidas e se correlaciona com as visões mais modernas.

² Entre as linguagens usadas no Marrocos, árabe *standard* e francês são escritos e berbere é ainda principalmente oral.

1.3. Islã

Como a história e a geografia, o Islã é um pilar da cultura marroquina. O Islã foi introduzido no Marrocos em 712 e desde então se tornou a religião oficial do Estado.³ O Marrocos está definido pela Constituição como uma monarquia islâmica, simbolizada pelo *status* do rei como cabeça do poder executivo e o *amir a-lmu? minin* [O Dirigente do Fiel]. A proximidade do Marrocos com a Europa promoveu um espírito de tolerância na forma como o Islã foi concebido e praticado no Marrocos. O Islã, neste país, nunca foi ameaçado pela presença do cristianismo ou judaísmo, como é o caso no Oriente Médio, onde o Islã coexiste e mesmo “compete” com essas duas religiões.⁴

Ao se tratar do Islã e da modernidade, é crucial diferenciarmos o Islã como “fé” e o Islã como “cultura”. O Islã como fé é percebido como uma relação pessoal entre um indivíduo e Deus e o Islã como cultura é percebido como parte e parcela da identidade geral dos marroquinos (quer pratiquem ou não o islamismo). O aspecto da forte identidade cultural do Islã é aparente em diversos ícones da vida social marroquina. Por exemplo, quase todos os aspectos do comportamento social marroquino são religiosos em origem e natureza, como os cumprimentos e despedidas, assim como os rituais que acompanham as celebrações de casamentos, nascimentos, circuncisões, funerais, etc.

O Islã interage com outros aspectos da cultura marroquina (Geertz, 1968; Eickelman, 1976). Ele é percebido e praticado de forma peculiar ao contexto sócio-cultural marroquino, no sentido em que os princípios islâmicos foram traduzidos para a cultura local marroquina e tornou-se impregnada por ela. Isso pode ser verificado no “estilo clássico” do Islã marroquino em oposição ao “estilo nacional” do Islã indonésio (cf. Geertz, 1971), por exemplo.

³ Islã era a religião oficial das dinastias reais árabes e berbere.

⁴ É verdade, no entanto, que existem marroquinos judeus e cristãos, mas eles são relativamente poucos em relação aos muçulmanos.

Como nota Geertz (1971), essas diferenças são evidentes na forma das mesquitas, vestimentas e práticas rituais e são também devidas ao fato do Marrocos e Indonésia constituírem os limites geográficos mais distantes da área geográfica islâmica. A relação entre “gênero”, como um instrumento analítico moderno, e o Islã está intimamente ligada à relação entre o feminismo e o Islã: feministas liberais ligam o feminismo ao Islã já que o Islã é parte e parcela da cultura marroquina e, portanto, incorporado pela orientação secular feminista.

1.4. Oralidade

A oralidade é um importante componente da cultura marroquina que a diferencia profundamente da cultura ocidental dominante. Na cultura marroquina, a fala carrega maior significado ao regular a vida diária do que a escrita, uma vez que a comunicação é canalizada principalmente através de linguagens não-escritas. Como a cultura marroquina é profundamente baseada no “Eu coletivo” (Sadiqi, 2003), as posições alheias contam e carregam significados sociais. Por exemplo, bênçãos orais, profanações, maldições, insultos, etc., são mais conseqüentes na cultura marroquina que na cultura ocidental. Essas formas orais de expressão do *Eu* não são palavras vãs; elas carregam valores positivos ou negativos genuínos e regulam o comportamento das pessoas de forma nada trivial. A importância da fala na cultura marroquina é também verificada no fato de que a conversa é percebida como meio de criação de laços entre as pessoas. A fala na cultura marroquina é inerentemente dependente da dicotomia privada e pública – fala pública e privada são dois atos diversos: enquanto a primeira é dirigida à manutenção das aparências e, portanto, distante de refletir realmente os fatos, a última é mais pessoal e direta.

A razão desse local singular da oralidade no Marrocos deve-se especialmente ao fato de que as duas línguas maternas usadas neste país (árabe marroquino e berbere) ainda são percebidas como meios orais de comunicação. O laço estreito entre línguas

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

maternas não-escritas e oralidade posiciona esta última no centro da experiência sensorial da comunidade da fala marroquina. Como tal, a oralidade é um sistema poderoso de comunicação que modela profundamente a maneira das representações visuais e não visuais dos papéis culturais, entre eles, papéis de gênero são construídos, mantidos e perpetuados na cultura marroquina. Diretamente relacionada com a visão e a escuta, a oralidade é uma fonte valiosa de informação e um forte veículo de valores culturais.

A oralidade está também intimamente relacionada às mulheres analfabetas, uma vez que a maioria delas é analfabeta e não têm acesso a textos impressos ou eletrônicos. Essas mulheres expressam seu “eu profundo”, transmitem vários tipos de conhecimento para seus filhos e se comunicam com o mundo exterior exclusivamente através do meio oral. O meio escrito é geralmente percebido por essas mulheres como alheio; e mesmo quando as linguagens escritas (árabe Standard e francês) são usadas oralmente na mídia audiovisual, essas mulheres não se identificam instantaneamente com estas linguagens; elas geralmente não compreendem difusões de filmes e programas na TV. A maioria delas se identifica com filmes egípcios, porque são transmitidos no dialeto egípcio tipicamente oral.

A oralidade tem um *status* duplo no Marrocos: ele é simultaneamente um meio de expressão “decadente”, “vulgar” e “da classe baixa”, e também expressão e símbolo poderoso de identidade e autenticidade. A atitude negativa em relação à oralidade reside no fato de que ela é transmitida através das línguas maternas de pouco prestígio: berbere e árabe marroquino. A atitude positiva em relação à oralidade reside no fato de que ela caracteriza a cultura marroquina vista a partir das culturas ocidentais e, assim, constitui um aspecto de identidade nos encontros de cruzamentos culturais. O poder do *lkelma* (o mundo oral) é verificado em aspectos profundos da cultura marroquina, como nos contratos de casamento, nos contratos de negócios e mesmo nos legados após a morte. Esses contratos eram, até

recentemente, baseados exclusivamente em meios orais. Nos dias atuais, na sociedade *lkelma*, mais precisamente *lkelma d rrajel*, “a palavra oral de um homem” tem autoridade, especialmente em áreas rurais. O *status* duplo da oralidade no contexto sócio-cultural do Marrocos está profundamente relacionado ao *status* ambíguo das mulheres no contexto sócio-cultural marroquino.

1.5. Multilingüismo

Como a oralidade, o multilingüismo é um componente que define a cultura marroquina. Uma compreensão da concepção do papel de gênero na cultura marroquina implica um entendimento prévio da realidade lingüística completa nesse país, assim como a forma como as linguagens são usadas por homens e mulheres. A situação lingüística no Marrocos é complexa uma vez que ela não envolve somente uma variedade de linguagens, mas também sublinha os sentidos sociais de oposições tais como língua materna/linguagens aprendidas, linguagens orais/escritas, linguagens de prestígio/sem prestígio, etc. A complexidade dessa situação lingüística é o resultado do *background* histórico e posição geográfica. As linguagens usadas no Marrocos tampouco possuem o mesmo *status*, nem o mesmo valor simbólico no mercado lingüístico local (Ennaji, 1991; Boukous, 1995).

Ao contrário das culturas do Oriente Médio, onde o multilingüismo é freqüentemente considerado uma ameaça à unidade e identidade árabes, este é percebido na cultura marroquina como um formador positivo de identidade. O multilingüismo é altamente valorizado e normalmente percebido como uma forma de aumentar o potencial do indivíduo para a comunicação e uma maneira de abrir os horizontes para ele/ela no que concerne ascensão social e trabalho. De fato, o domínio e uso de mais de uma língua traz poder social aos marroquinos. No setor privado, conhecimento de francês e/ou inglês é um requerimento absolutamente necessário. Os intelectuais percebem o multilingüismo como meio de maior auto-conhecimento, de conhecer melhor a/s própria/s linguagens e a cultura como fonte

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

de capital social, assim como uma base de tolerância em relação aos outros.

Sendo um fator relacionado a poder, no Marrocos, multilingüismo possui sentido social e é importante para a percepção e a construção de gênero. Sua importância decorre de sua correlação com classe e nível de educação: quanto mais educada e economicamente privilegiada for uma pessoa, é mais provável que ele/a seja poliglota; os mais pobres e menos educados provavelmente não serão multilíngües (cf. Boukous, 1995; Ennaji, 1997).

Se as mulheres marroquinas são consideradas como um grupo, então, as seções economicamente mais privilegiadas serão provavelmente bilíngües, senão multilíngües. Mulheres que somente falam berbere e/ou árabe marroquino normalmente pertencem a classes menos favorecidas e têm desvantagens no nível de comunicação em comparação com as mulheres da classe média e alta. As mulheres monolíngües, que falam ou berbere ou árabe marroquino, na maioria dos casos, são analfabetas. Mulheres monolíngües berberes normalmente vivem em vilas rurais remotas. Nesse contexto geral marroquino, mulheres monolíngües são percebidas socialmente como pertencentes à porção mais desvalida da população marroquina (Ennaji e Sadiqi, no prelo). No entanto, essas mulheres são muito bem-sucedidas nas comunidades locais onde vivem: elas trabalham em suas casas e nos campos, sustentam famílias e transitam com facilidade entre vilas locais.

1.6. Organização social

De todos os componentes da cultura marroquina, é sua organização social que tem o maior impacto na percepção e construção de gênero. Homens e mulheres no Marrocos se desenvolvem dentro do mesmo contexto social e cultural. Discursos culturais circulam constantemente e afetam sua fala e comportamento. Esses discursos não são internalizados e reproduzidos mecanicamente; eles são filtrados através de um

mecanismo de reprodução “ativa”, onde a organização social possui um papel chave. A sociedade marroquina é construída sobre uma distribuição de papéis claramente determinados para homens e mulheres. Esses papéis garantem a estrutura e funcionamento da sociedade. O controle sobre o comportamento dos homens e das mulheres é assegurado pelos rituais, pelos códigos de honra e moral e pelo “Eu coletivo” (Sadiqi, 2003). Esses três desígnios são criados, estabelecidos e perpetuados na unidade da organização social: a família. A família no Marrocos é, na maioria dos casos, agnática e patriarcal. A estrutura familiar marroquina geralmente é encabeçada pelo pai e pela linhagem masculina do lado paterno e é legalmente baseada nas relações de sangue; a filiação natural (isto é, casos nos quais as mulheres, normalmente muito jovens, dão a luz a uma criança cujo pai não é conhecido) e a adoção são rejeitadas culturalmente.

O sistema patriarcal é construído sobre a exclusão das mulheres dos espaços de poder público e pela sanção de todas as formas de violência física e moral contra elas nestes espaços. A liberdade das mulheres é vista como desafio à fábrica social e ao *status quo* masculino. É dentro da família que as mulheres são iniciadas no seu papel de guardiãs da organização. Essa iniciação é canalizada através de um sistema rígido de relações de parentesco, de uma bateria de tradições e rituais e tabus. Essa canalização é atingida principalmente através do uso da linguagem. Em vista desta situação, é somente no quadro da organização social que a determinação e a subversão de papéis de gênero podem ser compreendidas.

1.7. *Status* econômico

O *status* do desenvolvimento econômico do Marrocos é outro componente da cultura marroquina. Antes e durante a colonização pela França, entre 1912 e 1956, a economia do Marrocos era tipicamente rural e tradicional, uma vez que ela se baseava principalmente na agricultura. Após a independência do Marrocos, o país iniciou seu processo de modernização que se

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

materializou com o surgimento de cidades modernas e sustentou o êxodo rural para as áreas urbanas. Essa dramática transição abalou profundamente a organização social marroquina e resultou numa transformação, relativamente abrupta, nas relações de gênero. Dois aspectos dessas transformações são relevantes na perspectiva deste artigo: a reorganização dos espaços *gendered*, com o advento do trabalho assalariado para as mulheres, e o problema do analfabetismo, especialmente nas áreas rurais. Ambos os aspectos existiam antes da modernização, mas seus significados sociais mudaram com a modernidade. Por exemplo, com o surgimento do trabalho assalariado, as noções de “espaço público” e “espaço privado” mudaram e com o surgimento de uma elite feminina liberal urbana, o analfabetismo tornou-se associado às áreas rurais pobres. A esses aspectos adiciona-se o fato de que o desenvolvimento trouxe uma ampliação da diferença entre o que as mulheres produzem e o que elas ganham, assim como uma diferença nas tecnologias usadas por homens no trabalho e as usadas por mulheres em casa.

1.8. Sistema político

O sistema político é outro componente importante para a compreensão de dois aspectos principais da percepção de gênero no contexto marroquino: a rígida dicotomia de gênero na esfera pública e o papel da monarquia na promoção das mulheres no nível político. De fato, o ambiente político é um lugar forte de poder público que está intimamente ligado aos homens na sociedade marroquina (Arat, 1989). Os homens são aqueles que fazem política e discutem política dentro e fora da família. Essa associação entre política e homens tem suas raízes na cultura marroquina, onde a noção de *jama'a* (grupo), que constitui a base da tradição árabe-islâmica de governar, é percebida como algo pertencente somente aos homens. Em conseqüência, a cidadania é culturalmente assumida primeiramente, e acima de tudo, como masculina, porque na imagística cultural marroquina os homens são aqueles que supostamente dão as regras para as mulheres e as

crianças. O efeito cumulativo desse estado de coisas criou uma “política cultural” na qual a superioridade hierárquica dos homens sobre as mulheres tornou-se profundamente inscrita na esfera pública.

A monarquia é vista positivamente na cultura marroquina, uma vez que está associada simultaneamente com a religião e a modernidade. A monarquia tem tido um impacto significativo no *status* político das mulheres na sociedade marroquina. Mais do que os partidos políticos e a sociedade, foram os monarcas que permitiram a entrada das mulheres na cena política. Os últimos três reis marroquinos encorajaram abertamente a integração das mulheres no desenvolvimento social e econômico, ao adotar uma visão que reconcilia “tradição” com “modernidade”. Mohamed V, que reinou de 1927 a 1961, foi o primeiro rei na história do Marrocos a “retirar o véu” de sua própria filha em público; o Rei Hassan II, que governou de 1961 a 1999, indicou as primeiras quatro mulheres como secretárias de Estado. O Rei Mohamed VI, que se tornou rei em 1999, é o primeiro monarca marroquino a nomear uma conselheira real. Além disso, ele constantemente enfatiza a necessidade de criar novas oportunidades e maior participação das mulheres nas tomadas de decisão e de dar-se atenção especial à erradicação do analfabetismo feminino nas áreas rurais e urbanas.

Esse breve panorama dos principais componentes da cultura marroquina pretendeu mostrar que a percepção de gênero e distribuição de papéis de gênero no Marrocos decorre da maneira como a cultura marroquina define homens e mulheres. A estereotipagem das mulheres se dá principalmente nas representações bastante negativas que esta cultura cria na família e perpetua nas poderosas instituições da esfera pública. Essa é, portanto, a relação entre papéis de gênero e estereotipagem no Marrocos. Ou: qual é, portanto, a relação entre gênero e seus papéis e a estereotipagem no Marrocos?

2. Estereótipos e relações de gênero na cultura marroquina

Os estereótipos, instrumentos valiosos na análise das relações de gênero na cultura marroquina, fornecem uma expressão importante e reveladora de crenças e valores que, de outra forma, permaneceriam escondidos. Isso significa que os estereótipos são especialmente úteis para traçar a evolução das relações de gênero – a maneira pela qual crenças e valores associados a grupos específicos mudam com a passagem do tempo.

É verdade que as mulheres marroquinas são socialmente heterogêneas, mas elas estão sujeitas ao mesmo patriarcado (baseado no espaço – *hudud*) (Mernissi, 1994) e à mesma organização social, ambos constituem a raiz da estereotipagem. É dentro da família que começa a socialização, que as mulheres marroquinas são vistas como “demasiado emocionais”, “demasiado fracas”, “demasiado más”, “trabalhadoras”, “pacientes” e “obedientes”.

Esses estereótipos são criados e perpetuados por significados sociais que elas recebem no contexto sócio-cultural marroquino: as mulheres são socialmente definidas como demasiado emocionais, fracas, demasiado más, mais trabalhadoras, mais pacientes e mais obedientes que os homens. Essas definições sociais construídas das mulheres, muitas vezes paradoxais, são fortemente valorizadas e, conseqüentemente, facilmente adotadas e transmitidas por mulheres e homens a seus filhos. A falência na adaptação desses ideais socialmente construídos, no que concerne à expectativa de como as mulheres devem ser ou se comportar, recebe forte resistência da sociedade, o que conduz à rejeição e marginalização. O atual processo de estereotipagem é cumulativo e, no geral, amplamente inconsciente, um fato que explica sua insistência e difusão no sistema social. Essa insistência e difusão derivam-se da natureza “presumível” dos estereótipos e aprova sua validade e associação íntima com a sabedoria social numa sociedade.

Estereótipos de gênero na cultura marroquina apresentam uma série de características. Em primeiro lugar, eles são canalizados através da linguagem. De fato, existe uma correlação direta entre a forma como os que falam as línguas marroquinas usam nuances de gênero em sua fala cotidiana e o conhecimento ou estereótipos sobre a maneira como papéis sexuais são distribuídos na sociedade marroquina. Uma série de expressões paradoxais em árabe marroquino, como *lmra yir uliya* (“uma mulher é fraca”), *lçyalat lefçat* (“mulheres são víboras”), refletem claramente os estereótipos de que as mulheres são, ao mesmo tempo, fracas, pouco confiáveis e más por natureza. Outras expressões que invocam “utilidade social”, como ser uma boa esposa e uma boa mãe, são mais positivas: *mra Salha hsan man myat rajel* (“uma mulher socialmente útil é melhor que uma centena de homens”). A simples declaração dessas expressões estereotipadas tem grande força de persuasão nas conversas. De fato, expressões que reforçam estereótipos funcionam como lembretes sociais de como as mulheres precisam se comportar e de como os homens devem tratá-las.

Em segundo lugar, os estereótipos de gênero no contexto sócio-cultural marroquino podem ser explícitos ou implícitos. Estereótipos explícitos incluem identidade explícita de gênero e podem ser vistos nas áreas que se relacionam à casa e ao trabalho. Esses estereótipos sublinham a atitude ambivalente da sociedade em geral, e dos homens em particular, em relação às mulheres. Por exemplo, os homens demonstram uma atitude positiva em relação às mães e às “boas” esposas, mas atitudes negativas em relação à “líder feminina”. Estereótipos explícitos reforçam a relação próxima entre mulheres e suas casas e “combatem” qualquer associação entre mulheres e a esfera pública (a rua em oposição a casa) ao caracterizar as mulheres como vítimas, seres estranhos, invasoras transgressivas do domínio público. Esse tipo de estereótipo é exemplificado em dois ditos populares: *shawr lmra w la ddir brayha* ou “consulte uma

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

mulher, mas não leve sua opinião em consideração” e *Imra çqalha Syir* ou “a mente de uma mulher é pequena”.

Os estereótipos implícitos constituem a soma de atitudes e crenças internalizadas sobre gênero como categoria social. Essa internalização geralmente é inconsciente e resulta da socialização e do comportamento cumulativo em casa, na escola, no trabalho, etc. Como tal, estereótipos implícitos operam de uma maneira que, freqüentemente, escapam ao controle consciente e acabam por transformar-se num tipo de lei simbólica para os membros de uma comunidade. Por exemplo, mulheres implicitamente são vistas como líderes públicas frágeis, interlocutoras pobres nas questões religiosas, conselheiras fracas em assuntos relevantes, etc. Tais estereótipos implícitos são percebidos no comportamento e na fala mesmo de pessoas que não apóiam estereótipos explícitos. Comparados aos estereótipos explícitos, os estereótipos implícitos são extremamente perniciosos e permanentes.

Em terceiro lugar, estereótipos de gênero na cultura marroquina podem, a princípio, ser positivos ou negativos. Enquanto os positivos não são problemáticos, os negativos criam preconceitos e moldam uma poderosa e permanente mentalidade de grupos. A maior parte dos estereótipos sobre as mulheres na cultura marroquina é negativa. Em geral, a fala, os atributos, as ações e os hábitos femininos são mais negativamente descritos nas linguagens marroquinas do que a fala, os atributos, as ações e os hábitos masculinos. As mulheres e sua linguagem são sistematicamente sujeitas aos estereótipos preconceituosos, pejorativos e reducionistas que se refletem nas expressões mais comuns da fala cotidiana, como *suq nnsa* (literalmente, “mercado das mulheres”, mas querendo dizer “trivial” e “sem valor”), *shyul lçyalat* (literalmente, “trabalho de mulher”, mas querendo dizer “algo mal feito”), e *klam leçyalat* (literalmente, “fala de mulher”, mas querendo dizer “não-confiável” e “infantil”). Estas e outras expressões similares são freqüentemente usadas como termos pejorativos ou mesmo insultos. O fato de que a voz feminina na cultura marroquina é *awra* (tabu) encontra-se na raiz dos fortes

estereótipos que envolvem sua linguagem. De fato, existe um estereótipo na cultura marroquina que desfavorece fortemente a linguagem das mulheres em geral. A noção da diferenciação da linguagem da mulher marroquina e do homem resulta do estereótipo da “dualidade” (homem-líder/mulher-subordinada) que está profundamente enraizada na cultura marroquina. É sobre a base deste estereótipo que o que se compreende como “linguagem das mulheres” está associado seguidamente com uma pronúncia distinta (isto é, tons agudos), escolhas distintas de palavras (isto é, diminutivos), e estilos de *performances* distintos (isto é, eufemismos), apesar das mulheres marroquinas demonstrarem uma variedade ampla em seus modelos de entonação, nem sempre usarem diminutivos, e serem freqüentemente taxadas com a falta de nuances em suas expressões que são comprovadas em construções específicas como nos eufemismos. A atitude social com a “linguagem das mulheres” é uma visão de uma imagem monolítica da mulher que a sociedade marroquina construiu e quer preservar. Essa imagem construída produz livremente estereótipos, segundo os quais, as mulheres falam em demasia, ou muito alto, ou fazem fofoca, mentem, limitam sua conversa a trivialidades, pronunciam as palavras incorretamente, ou sem muita precisão, hesitam, ou são muito ásperas ou muito polidas. A “linguagem das mulheres” é também estereotipada como doméstica e subserviente na cultura marroquina.

Um outro estereótipo sobre a mulher marroquina é o fato de elas possuírem o poder do “mal-olhado” através de sua fala. Este mal-olhado se refere ao “mal” (doença, desgraça, ou mesmo morte) que a linguagem ou a simples presença de uma pessoa poderia causar. Se, por exemplo, uma pessoa se machuca, perde algo, ou escuta más notícias depois de ter encontrado ou falado com uma mulher, esta pessoa prontamente atribui o acontecimento àquela mulher. Mulheres que são especialmente consideradas como fontes de mal-olhado, em geral, são velhas, divorciadas, ou viúvas. Na presença dessa categoria de mulheres,

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

recém-nascidos, noivas e mesmo os negócios são normalmente “protegidos” por “amuletos” inseridos nas roupas ou em locais escondidos. Esse estereótipo neutraliza o poder que essas mulheres têm na cultura marroquina; um poder que subverte os papéis convencionais de gênero, e que reside no fato delas possuírem mais liberdade pública e, provavelmente, poderem subverter melhor os papéis convencionais de gênero e, portanto, precisam ser “socialmente domesticadas” através da aplicação de estereótipos. É interessante notar que homens velhos e divorciados, assim como viúvos, são vistos positivamente na cultura marroquina como maridos em potencial e não ameaçam o *status quo* masculino.

Alguns estereótipos não são claramente negativos, mas são “nocivos” às mulheres, no sentido que colocam demasiada pressão sobre elas. Por exemplo, na sociedade marroquina, espera-se que as mulheres trabalhem duramente, a ponto de sacrificar todo seu tempo para o bem-estar de seus maridos e seus filhos. Quanto mais duro trabalhar uma mulher, melhor ela será julgada socialmente. Esse estereótipo tem seu epítome nos dois conceitos de *sbbara* (resistir) e *hadga* (trabalhar duro), ambos vistos como atributos altamente valorizados de acordo com os quais as mulheres são basicamente julgadas dentro e fora de suas famílias. As meninas são treinadas para serem resistentes e áduas trabalhadoras desde a tenra idade, e quanto mais vontade essas meninas mostram de fazer tarefas domésticas, maiores serão suas chances de encontrar um marido. Mesmo se elas têm um trabalho fora de casa, espera-se que as mulheres sejam resistentes e trabalhem duro. Uma mulher com carreira urbana é conhecida como *mra w rajel* (tanto mulher quanto homem) ou *lalla w mulati* (chefe de casa); ambas as expressões se referem às mulheres “que fazem de tudo”. Estes últimos estereótipos são tão pouco liberadores quanto os anteriores; eles freqüentemente fazem com que as mulheres sintam a necessidade de trabalhar duro continuamente e justificar cada uma de suas ações, de modo a alcançar reconhecimento na família e na sociedade.

Paradoxalmente, a categoria da mulher “que faz de tudo” não se insere na categoria⁵ da mulher tímida, submissa e “feminina”, vista positivamente, e fica a cargo das mulheres acomodarem ambas as posturas (Belarbi, 1987), o que coloca ainda mais *stress* sobre elas.

Reações das mulheres marroquinas

As mulheres marroquinas nunca foram depositárias passivas de estereótipos negativos. Dependendo das variáveis sociais, como as de origem geográfica, de classe, nível de educação, estado civil, etc., as mulheres reagem a tais estereótipos adotando uma das seguintes estratégias:

Em primeiro lugar, o uso de “contratipos”. Um “contratipo” é um estereótipo positivo (um que provoca “boas” emoções e associa um grupo de pessoas com características socialmente aprovadas), que se desenvolve como uma tentativa de substituir ou “contrapor” um estereótipo negativo que tenha sido previamente aplicado a um grupo específico de pessoas. O estereótipo negativo das “Mulheres como Vítimas Desprotegidas” tem sido questionado nos últimos anos. Contratipos são importantes reflexões (e formadores) de crenças e valores populares, mas pelo menos duas características precisam ser enfatizadas a fim de que não permitamos que boas intenções nos ceguem para seu significado e natureza verdadeira: (i) contratipos são também estereótipos, e isto significa que eles são ainda visões muito simplificadas do grupo que recebem estereótipos. Um contratipo, em outras palavras, não pode ser aceito ao pé da letra mais facilmente que o estereótipo negativo que ele tenta substituir ou melhorar; (ii) contratipos são freqüentemente meros corretivos superficiais – arranhe um contratipo intencional e você vai

⁵ Os vários estereótipos que circundam a mulher e sua fala são reforçados em livros-textos e na mídia.

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

freqüentemente descobrir um velho estereótipo espiando logo abaixo.

Em segundo lugar, grupos de defesa das mulheres têm argumentado por anos que a ausência de modelos de mulheres bem-sucedidas, particularmente na vida pública e na educação, perpetua os estereótipos da incompatibilidade da mulher para papéis de liderança.

Em terceiro lugar, intelectuais demonstraram que ao colocar as mulheres em categorias facilmente compreensíveis elimina-se a necessidade de tentar compreendê-las, ao mesmo tempo servindo para reforçar a superioridade da maneira própria de pensar dos homens.

Em quarto lugar, pesquisadores em administração demonstraram que comportamento baseado em estereótipos pode ter conseqüências dramáticas para o sucesso de uma organização.

Em quinto lugar, pesquisadores revelaram também que redes de trabalho exclusivamente masculinas podem ser responsáveis pelo desenvolvimento de estereótipos e pelo fomento de atitudes negativas e preconceitos contra mulheres em cargos de chefia.

Conclusão

A cultura marroquina é repleta de estereótipos negativos em relação às mulheres. Esses estereótipos escondem a heterogeneidade e a grande complexidade das mulheres no Marrocos. No contexto marroquino, estereótipos são muito difíceis de evitar, porque eles seguidamente são inconscientes e vividos como uma reação emocional a nossa própria programação cultural, lendas urbanas e mitos populares, boatos, categorizações, e representações errôneas da mídia. É mais fácil criar estereótipos quando existe um atributo claramente visível e consistente que pode ser facilmente reconhecível. É por isso que se podem criar estereótipos sobre as mulheres tão facilmente. Tornar-se

consciente dos estereótipos que afetam as mulheres é o primeiro passo para combatê-los.

Referências bibliográficas

- ARAT, Y. *The Patriarchal Paradox: Women Politicians in Turkey*. Rutherford, N.J., Fairleigh Dickinson University Press, 1989.
- BADRAN, M. *Feminists, Islā and Nation: Gender and the Making of Modern Egypt*. Princeton, Princeton University Press, 1995.
- BELARBI, A. La Représentation de la Femme à Travers les Livres Scolaires, In: ALAHYANE, A. et alii. (eds.) *Portraits de Femmes*. Casablanca, Le Fennec, 1987.
- BOUKOUS, A. *Société, Langues et Cultures au Maroc. Enjeux Symboliques*. Rabat, Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Rabat. 1995.
- COOKE, M. *Blood into Ink: South Asian and Middle Eastern Women Write War*. New York, Perseus Books, 1994.
- EICKELMAN, D. *Moroccan Islā: Tradition and Society in a Pilgrimage Center*. Austin, University of Texas Press, 1976.
- ENNAJI, M. (ed.) Berber Sociolinguistics. *International Journal of the Sociology of Language*, 132, New York, Mouton de Gruyter, 1997.
- _____. Aspects of Multilingualism in the Maghreb. *International Journal of the Sociology of Language*, 87, 1991, pp.7-25.
- ENNAJI, M. and F. SADIQI. *Migration and Gender. The Impact of Migration on the Women Left Behind*. Mohammedia, Imprimerie Fedala (to appear).
- GEERTZ, C. *Islā Observed: Religious Development in Morocco and Indonesia*. Chicago, University of Chicago Press, 1971.
- KANDIYOTI, D. (ed.) *Women, Islā and the State: Women in the Political Economy*. Philadelphia, Temple University Press, 1991.
- KHATIBI, A. *Maghreb Pluriel*. Paris, Denoel, 1983.
- LIPPMANN, W. *Public Opinion*. New York, Macmillan Company, 1922.
- MERNISSI, F. *Dreams of Trespass. Tales of a Harem Girlhood*. Addison Wesley, 1994.

Estereótipos e mulheres na cultura marroquina

_____. *Beyond the Veil: Male-female Dynamics in a Modern Muslim Society*. New York, Schenkman Publishing Company, 1975.

SADIQI, F. *Women, Gender and Language in Morocco*. Boston and Leiden, Brill Academic Publishers, 2003.